



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

A FORMAÇÃO DO LEITOR A PARTIR DA LEITURA DO CONTO LITERÁRIO NA ESCOLA

Eliane Maria Pimentel Lima Lira
Dr^a Amara Cristina de Barros e Silva Botelho

Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte – elianepimentel1971@yahoo.com.br
acristinabotelho@gmail.com

Resumo:

Este artigo objetiva refletir sobre a importância do ensino da literatura na ampliação dos saberes dos estudantes. Parte do pressuposto de que a leitura do texto literário é uma possibilidade para ampliar a experiência do letramento literário dos escolares do ensino fundamental. Nessa perspectiva apresenta uma sequência básica a partir do conto “As três fiandeiras” (Jakob e Wilhelm Grimm, 2005) por meio da proposta do letramento literário. Trata-se de uma revisão bibliográfica. O embasamento teórico se dá à luz dos estudos de gêneros do discurso de Bakhtin (2011). Já em relação à literatura e ao texto literário, conto, fundamenta-se em Candido (2011) e Moisés (2012), e, sobre o letramento literário e leitura na escola, em Cosson (2012) e Rangel (2009). Observam-se também as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs do ensino Fundamental (BRASIL, 1997 e 1998), nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio do Estado de Pernambuco (2012) e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2016). Espera-se com este trabalho contribuir para o entendimento da importância da literatura na formação dos educandos. O estudo revela a necessidade do ensino de literatura em toda a educação básica através de um trabalho que envolva a leitura do texto literário de forma crítica possibilitando a construção de significados por parte dos estudantes.

Palavras-chave: Conto, Letramento literário, Leitura e Produção de Texto, Formação do leitor.

Introdução

Uma das inquietações atuais que acompanham os professores da educação básica e tornou-se recorrente nos planejamentos bimestrais, nos diálogos cotidianos desses profissionais e nas formações de professores reside no desenvolvimento de uma prática de sala de aula com vistas à formação de um leitor crítico.

Esse assunto perpassa não só pela leitura, enquanto “atividade social” (COSSON, 2012); (FREIRE, 2011); (RANGEL, 2009), mas principalmente pelo ensino de literatura, visualizada por Candido (2011, p. 176) “como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”.

Sabe-se que qualquer atividade visando atender essa inquietação envolverá o uso da linguagem, apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – Língua Portuguesa “como atividade discursiva e cognitiva”, (BRASIL, 1998, p. 19) a fim de possibilitar aos estudantes a oportunidade para a ampliação dos “saberes linguísticos” e do “grau de letramento”.

Nesse intuito de ampliação de conhecimentos inserem-se construções literárias: “um tipo

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



particular de uso da linguagem”, “uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética” (BRASIL, 1998, p. 26 - 27).

Corroborando com o assunto, tem-se em Cosson (2012, p. 47) que “as práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras” oportunizando aos estudantes o conhecimento dos “saberes literários”.

Freire (2011, p. 20) afirma que “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Logo, se faz necessário visualizar-se a atividade com o conto literário como um discurso vivo que se interliga a outros. Segundo Rangel (2009, p. 35): “A forma como a leitura é trabalhada na escola, ou mesmo fora dela, pode ou não favorecer a aquisição, transformação e produção de conhecimento não alienante[...]”

Essa forma dialógica, entretanto, não é contemplada quando o professor prioriza nesse processo o estudo de formas estruturais da gramática e do gênero sem permitir a experiência da comunicação entre as realidades do texto e do leitor. De acordo com os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio do Estado de Pernambuco (2012, p. 92) esse equívoco “é bastante prejudicial, na medida em que destitui o texto literário de sua dimensão estética, enfraquecendo seu papel formativo, que se exerce pela gratuidade das ações que sua apropriação proporciona”.

Objetiva-se, portanto, com esta pesquisa possibilitar uma reflexão sobre a leitura do texto literário conto na formação leitora do estudante e para isso realiza-se uma pesquisa bibliográfica com base em: Bakhtin (2011), Candido (2011), Cosson (2012), Moisés (2012), Rangel (2009), Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs do ensino Fundamental (BRASIL, 1997 e 1998), Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio do Estado de Pernambuco (2012), e Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2016).

Visando a este objetivo, propõe-se para uma turma do nono ano do ensino fundamental, uma leitura contextualizada do conto “As três fiandeiras” (Jakob e Wilhelm Grimm, 2005) com base na proposta da sequência básica do letramento literário de Cosson (2012).

Além da introdução, este trabalho organiza-se em mais seis seções. Inicialmente aborda-se a formação do leitor a partir da leitura do texto literário, na continuidade apresenta-se a leitura vista como processo de interação social, em seguida tem-se uma abordagem sobre a leitura sistematizada a partir da sequência básica do letramento literário, logo após realiza-se uma reflexão sobre o conto “As três fiandeiras”, na penúltima seção propõe-se uma atividade de leitura do conto em estudo a



partir de uma sequência básica e por fim ratifica-se nas considerações finais a importância de uma leitura do conto além da decifração do código para a formação leitora dos estudantes.

1 Formando leitores a partir da leitura do texto literário

Ainda há barreiras quando se fala em usar, na escola, o texto literário no processo de formação do leitor. A razão se liga a vários fatores e entre eles está o desconhecimento do que de fato representa a leitura. Por vezes, alguns equívocos ocorrem na escola em relação ao trabalho com os textos literários. Os PCNs apontam, dentre eles, tratar os textos literários “como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais e das receitas desgastadas do “prazer do texto” (BRASIL, 1997 p. 37).

Algumas dúvidas ainda se interpõem no trabalho com esse objetivo. O que significa texto literário e como usá-lo, portanto, na prática de sala de aula, visando o letramento? De acordo com os PCNs, o texto literário “não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua” (BRASIL, 1998, p. 26).

Percebe-se, entretanto, que ainda perdura como herança, que necessita ser combatida, a ideia de leitura de construções literárias para responder às questões acerca do ponto de vista do autor, sem considerar o processo intersubjetivo do texto, para memorização de datas e biografias, identificação de característica de escolas literárias e até mesmo para classificação gramatical.

Essa realidade concorre para o fortalecimento de ações na formação de leitores “passivos” diferente do conceito “aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo” apresentado em Cosson (2012) para designar leitor. Os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (2012, p. 86) apontam “a formação do leitor de literatura como um processo que inclui mais do que a construção de habilidades de leitura e interpretação de gêneros literários” justifica-se, conforme Cosson (2012, p. 30) pelo fato de que a leitura literária “ (...) fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo da linguagem”.

Compreende-se, portanto, que o ensino da literatura é indispensável à formação dos leitores em qualquer nível de ensino, pois, segundo Candido (2011, p. 188) ela tem um papel “humanizador”, logo se torna crucial nesse processo a realização, no espaço da sala de aula, de atividades sistematizadas envolvendo o uso do conto literário.



2 A Leitura compreendida como interação social

Bakhtin (1895 - 1975), teórico da literatura, dialogando sobre texto afirma que “Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”. (BAKHTIN, 2011, p. 307). Partindo da afirmativa percebe-se, portanto, uma valorização dessa produção enquanto “*lócus*” onde se insere a representação das várias experiências humanas permitidas através da linguagem.

Reconhece-se essa atividade linguística como uma ação desenvolvida por um sujeito inserido em um contexto social e histórico, que fazendo uso de gêneros textuais organiza os seus discursos com diversas finalidades: informar, entreter, argumentar, narrar, descrever a fim de atingir os seus propósitos comunicativos favorecendo a compreensão cultural do homem em sociedade.

Entende-se, pois, que a motivação para a relação estabelecida pelo autor entre texto e pensamento não se explica apenas pela representação linguística que essas produções revelam, sejam de forma oral ou escrita, mas pela construção de sentidos permitida pelos elementos extralinguísticos.

Segundo Bakhtin (2011, p. 319) “qualquer estudo dos signos, seja qual for o sentido em que tenham avançado, começa obrigatoriamente pela compreensão”. Essa atividade não se efetiva apenas pelo autor, mas principalmente pelo leitor a partir dos conhecimentos cotidianos permitida pela associação entre o texto e o contexto. Sem esse entendimento não há como se estabelecer o diálogo essencial ao “envolvimento” que implica aproximar-se da ideia do autor, interagir com o texto e contextualizar os discursos percebidos através dele.

Essas atividades tornaram-se essenciais para a realização de leitura em sala de aula com os educandos do ensino fundamental a fim de se ampliar a compreensão do que representa leitura a partir da percepção de outros contextos, de outras vivências. Fortalecendo esse pensamento, Rangel (2009, p. 48) afirma o seguinte:

O que se deve privilegiar na sala de aula, então, é processo de interação verbal deflagrado por situações de leitura que permitam a identificação dos leitores, como interlocutores. A troca de opiniões entre os alunos instaura o espaço de discursividade que proporciona o confronto entre autor e leitores.

Como o texto é uma prática inserida num contexto social não há como se realizar uma leitura apoiando-se apenas na representação linguística do código, sem enxergar os elementos extralinguísticos que favorecem a construção dos significados. A 2ª versão revista da Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2016, p. 96) apresenta que “durante toda a educação básica deve-se favorecer a formação literária, de modo a garantir a continuidade do letramento literário, [...]



entendido como processo de apropriação da literatura como linguagem que oferece uma experiência estética”.

3 A leitura sistematizada a partir da “Sequência básica do letramento literário”

Uma sequência básica do letramento literário é um modelo apresentado por Cosson (2012) a fim de que os professores possam, a partir da sistematização das atividades, possibilitar aos estudantes o letramento literário, dissociando leitura de obrigatoriedade e embasando-se na relação “saber e prazer”.

A mesma esquematiza-se em etapas abordadas a seguir:

- **Motivação** – Corresponde a primeira etapa com o trabalho de leitura. Segundo Cosson (2012, p. 56) é uma forma de “preparar o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor”.

Sobre esse passo Cosson (2012, p. 57) orienta para não se prolongar pois o objetivo é “motivar” para a leitura literária. O referido autor sugere o desenvolvimento de atividades tanto orais e escritas quanto uma ou outra, desde que não ultrapasse o limite de 01 (uma) aula.

- **Introdução** – De acordo com Cosson (2012, p. 60 - 61) esse passo corresponde à preparação do estudante para a realização da leitura através de atividades como: “Manuseio da obra física pelos alunos, aquisição de informações sobre o autor e, se possível, ligadas ao texto selecionado, levantamento de hipóteses e leitura dos elementos para-textuais que introduzem uma obra”.
- **Leitura** – Neste ponto, percebe-se as distinções entre uma leitura obrigatória e uma leitura na perspectiva do letramento. De acordo com Cosson (2012, p. 62 - 64): “É essencial nesta parte o acompanhamento da leitura a fim de auxiliar o aluno em suas dificuldades, e, dependendo da extensão do texto, ou do processo de letramento essa atividade poderá ser realizada em “intervalo”.

Nesses intervalos, segundo Cosson (2012, p. 63 - 64), “é permitido fazer aproximações com outros textos, leitura conjunta de capítulos ou trechos, resolver problemas ligados à decifração do processo de leitura”. Essas atividades são ações que objetivam atender as dificuldades dos estudantes visando a formação do leitor.

- **Interpretação** – A interpretação, de acordo com a proposta do letramento literário, é vista sob dois momentos: o interior e o exterior. O momento interior, Segundo Cosson (2012, p. 65), “É aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura”. É um



processo, que embora seja subjetivo, continua sendo um “ato social”.

O momento externo – Diferente do momento interior, possibilita a ampliação das construções de sentidos objetivando a externalização da leitura, através de várias atividades planejadas, para os demais leitores de uma comunidade escolar. “É a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2012, p. 65).

4 Conto “As três fiandeiras”

Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos na Alemanha, nos anos de 1785 e 1786, respectivamente, representam os mais famosos escritores já conhecidos por suas histórias infantis e contos de fadas. Responsáveis por narrativas como "O Rei Sapo", “Chapeuzinho Vermelho” e "A Bela Adormecida" entre outras que encantam, há séculos, pessoas de todo o mundo.

O conto aqui retratado representa um gênero literário que envolve a capacidade imaginativa, apresenta verossimilhança, componentes como: personagens, ação, espaço, tempo, etc. e é essencial no processo de escolarização. Moisés (2012, p. 276) afirma que “ O conto se organiza como uma célula, com o núcleo e o tecido ao redor [...], mas os componentes do núcleo ostentam sentido dramático, ou seja, empenham-se num conflito. ”

Apresenta, também, foco narrativo, trama e uma linguagem marcada pelo diálogo seja ele direto, indireto, indireto livre ou monólogo. Sobre esse gênero textual Moisés (2012, p. 268) conclui: “ O conto é uma narrativa unívoca [...], visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação”.

Assim, “As três fiandeiras” (Jakob e Wilhelm Grimm, 2005) estabelece um diálogo com o interlocutor a partir da situação de uma jovem pobre que precisava trabalhar e por mais que a mãe implorasse, castigasse, ela insistia em não realizar a atividade de fiar o linho, comum às mulheres daquela região no momento em que se passou a história.

A personagem principal convive sob uma relação de ordem revelando também ao longo da história a condição submissa da mulher que não tinha escolha a não ser preparar-se para o casamento arranjado, tido como um prêmio embasado em interesses.

No caso em estudo, a jovem não era rica, mas representava riqueza, por conta de sua força de trabalho, uma vez que, diante da informação apresentada pela mãe à rainha, a filha não parava de fiar nunca.

Percebe-se, neste conto a presença de elementos como: roca, carruagem, realza, fiandeiras



informações que revelam o contexto cultural europeu do século XVIII e uma atividade econômica resultado das ações das personagens que era executado, exclusivamente, pelas mãos femininas.

Toda essa criação é apresentada no texto através de uma narrativa que emprega a capacidade imaginativa e a invenção conforme se lê no conto abaixo:

“As três fiandeiras” (Jakob e Wilhelm Grimm, 2005)

Era uma vez uma moça preguiçosa, que não queria fiar. A mãe podia falar o que quisesse, que não conseguia convencê-la a trabalhar. Finalmente a mãe ficou zangada e impaciente, a ponto de dar-lhe umas pancadas, e a moça começou a chorar em voz alta. Naquele momento, a rainha ia passando por ali, na sua carruagem, e quando ouviu o choro, mandou parar, entrou na casa e perguntou à mãe por que ela batia tanto na filha, que se ouviam os gritos na rua. Então a mulher ficou com vergonha de confessar a preguiça da filha e disse:

— Eu não consigo fazê-la parar de fiar, ela quer fiar o tempo todo, e eu sou pobre e não posso arranjar tanto linho.

Então a rainha respondeu:

— Não há nada de que eu goste mais do que ouvir fiar, e nada me dá mais prazer que o ronronar das rodas da roca. Deixe-me levar a sua filha comigo para o castelo, eu tenho linho à vontade e ela poderá fiar quanto quiser.

A mãe concordou de todo o coração, e a rainha levou a moça consigo.

Quando chegaram ao castelo, ela levou a moça para três quartos que estavam cheios do mais belo linho, de alto a baixo.

— Agora, fia-me este linho, disse ela, — e quando terminares, terás o meu filho mais velho por esposo. Mesmo que sejas pobre, eu não me importo: a tua valente diligência é dote suficiente.

A moça assustou-se por dentro, pois não poderia fiar aquele linho, ainda que vivesse até trezentos anos e ficasse todos os dias fiando desde a manhã até a noite. E quando ficou sozinha, ela começou a chorar e ficou assim três dias, sem mover um dedo.

No terceiro dia, chegou a rainha, e quando viu que nada tinha sido fiado, admirou-se muito. Mas a moça desculpou-se, dizendo que não conseguira começar a trabalhar, por causa da grande tristeza que a separação da mãe lhe causara. A rainha aceitou a desculpa, mas disse ao sair:

— Amanhã tens de começar a trabalhar!

Quando a moça tornou a ficar sozinha, não sabia o que fazer e, na sua aflição, foi para a janela. Aí ela viu três mulheres chegando. Uma tinha um pé largo e chato, a segunda tinha um beijo



tão grande que lhe caía por cima do queixo, e a terceira tinha um polegar muito largo. Elas pararam embaixo da janela, olharam para cima e perguntaram à moça o que ela tinha. Ela queixou-se da sua infelicidade. Então elas lhe ofereceram a sua ajuda e disseram:

— Se nos convidares para o teu casamento, nos chamares de primas, sem te envergonhares de nós, e nos puseres à tua própria mesa, nós te fiaremos todo o linho, e num tempo bem curto.

— De todo o coração, — respondeu a moça; — entrem e comecem a trabalhar logo!

E ela deixou entrar as três estranhas mulheres, arranjou-lhes lugar para se sentarem e elas começaram a fiar. A primeira puxava o fio e pisava o pedal da roca, a outra molhava o fio, e a terceira torcia-o e batia com o dedo na mesa, e cada vez que ela batia, caía ao chão uma meada de linha da mais fina fiação.

A moça escondeu as três fiandeiras da rainha, e sempre que ela vinha, mostrava-lhe a grande quantidade de linha fiada, e colhia muitos elogios.

Quando o primeiro quarto foi esvaziado, começou o trabalho no segundo, e logo mais no terceiro, até que este também ficou arrumado. Então as três mulheres despediram-se da moça e disseram:

— Não te esqueças do que nos prometeste, isso será a tua felicidade!

Quando a moça mostrou à rainha os três quartos vazios e o grande monte de linha, a rainha preparou tudo para o casamento, e o noivo ficou muito contente, porque ganhava uma esposa tão jeitosa e diligente, e cobriu-a de elogios.

— Eu tenho três primas, — disse a moça, — e como elas me fizeram muita coisa boa, não quero esquecê-las na minha felicidade; permiti-me, pois, que eu as convide para o casamento e as faça sentarem à minha mesa.

A rainha e o noivo disseram: — Por que não permitiríamos isso?

Quando a festa começou, entraram as três mulheres em trajes estranhos, e a noiva disse: — Sejam bem-vindas, queridas primas!

— Ah, disse o noivo, — onde arranjaste essas parentas tão feias?

E ele foi até aquela do pé largo e chato e perguntou:

— Do que lhe vem este pé tão largo?

— De pisar o pedal, — respondeu ela, — de tanto pisar!

O noivo então dirigiu-se à segunda e perguntou:

— Do que lhe vem esse beijo caído?

— De lamber, — respondeu ela, — de tanto lamber!



— E de onde lhe vem este polegar achatado? — perguntou ele à terceira

— De torcer o fio, — respondeu ela, — de tanto torcer!

Então o príncipe ficou assustado e disse: — de agora em diante minha bela noiva nunca mais tocará uma roca de fiar!

E com isso a jovem noiva ficou livre da odiosa fiação de linho.

5 Sequência básica desenvolvida a partir da proposta do letramento literário Cosson (2012) a ser aplicada em uma turma de nono ano do ensino fundamental.

IDENTIFICAÇÃO

Turma – 9º (nono) ano

Duração – 07 aulas de 50 minutos

Texto – “As três fiandeiras” (Jakob e Wilhelm Grimm, 2005)

1º PASSO – MOTIVAÇÃO - Tempo - (01 aula - 50 minutos)

Alguém já ouviu falar em trabalho de fiação? O que seria a ação de fiar?

Podemos associar os nomes: fiação e roca a uma atividade de uma determinada época?

Que tipo de máquina era utilizada em outros momentos para se realizar esse trabalho?

Visualização das Imagens e depoimentos da artesã, Zélia Scholz, durante a Fenit 2006, em São Paulo. História da roca e tecidos artesanais. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=x3tArw0lbrU>

Uma história de ficção pode se desenvolver a partir dessa realidade? Como?

2º PASSO – INTRODUÇÃO – Tempo – 01 aula (50 minutos)

Apresentação do título - “As três fiandeiras”

Questões

Alguém já ouviu falar do conto “As três fiandeiras”?

Que informações vocês imaginam sobre esse conto?

Qual o papel dessas mulheres fiandeiras em um conto?

Será que elas representam as personagens principais ou secundárias nessa história?

Os irmãos Grimm relacionam-se a esse texto?

O que se sabe sobre os irmãos Grimm?



Conhecem outros contos desses autores? Quais?

Ações:

Visita à biblioteca da escola

Levantamento de hipóteses sobre a história do conto a ser lido

Diálogo sobre os autores e contexto em que viveram

Manuseio de paradidáticos onde há registros do texto em estudo e dos autores.

3º PASSO - LEITURA – Tempo - 02 aulas (de 50 minutos cada)

Leitura individual e compartilhada do conto sugerido.

Refletindo com a turma:

Será que a atividade de fiar era comum às mulheres no momento em que o conto é narrado?

Essas mulheres eram valorizadas pela profissão que exerciam ou excluídas?

Como percebemos essa exclusão no texto?

Uma família pode exigir que um (a) filho (a) exerça uma atividade comum a uma época mesmo não se identificando com ela?

Como se explica a atitude da mãe ao fazer uso da mentira, de castigos físicos e da imposição?

Os registros dos quais temos conhecimento apontam mais para que tipo de trabalho realizado pelas mulheres?

O que significa diligência? E dote?

A diligência de uma pessoa é uma característica positiva?

Essa diligência pode se tornar motivo de troca para a realização de um casamento?

Será que a cultura do casamento arranjado ainda acontece?

A beleza física é valorizada nesse conto? Atualmente como vocês enxergam esse assunto?

4º PASSO – INTERPRETAÇÃO – Tempo - 03 aulas (de 50 minutos cada)

A turma deverá ser dividida em equipes a fim de externalizar a leitura a partir de:

Exposição de imagens com figuras de rocas usadas na época em que a história se passa

Apresentação de cartazes relacionando palavras que se associam à história da fiação

Debate a partir dos temas sugeridos pelo conto: mentira, escolha da profissão, casamento arranjado, exclusão social, beleza.

Apresentação de uma entrevista (dando voz no contexto atual) aos escritores do conto e as personagens: “três fiandeiras”, a mãe e a jovem (simulação)



Dramatização da narrativa lida, entre outras atividades.

A proposta apresentada neste trabalho desenvolve-se em quatro passos indicados na sequência básica do letramento literário Cosson (2012): motivação, introdução leitura e interpretação e tem por base o conto “As três fiandeiras” (Jakob e Wilhelm Grimm, 2005). Na motivação propõe-se a realização de uma atividade oral sob a forma de perguntas e respostas e a visualização de um vídeo objetivando acionar os conhecimentos prévios dos educandos acerca da atividade de fiar apresentada no texto em estudo. Na introdução recomenda-se verificar os saberes dos estudantes sobre o conto, levantar hipóteses sobre a história a ser lida, conhecer sobre os autores e o contexto em que viveram. Indica, se possível, uma visita à biblioteca da escola e o manuseio de livros paradidáticos possibilitando o contato com o texto. Na sequência, propõe-se uma leitura individual e compartilhada na perspectiva do letramento. Na interpretação, sugere-se atividades em equipes como exposição de imagens, apresentação de cartazes, dramatização e debates que permitam aos estudantes externalizar a leitura. Essa proposta pode ser adaptada conforme a realidade da turma de modo a garantir sua efetividade.

6 Considerações finais

Constata-se a partir deste artigo a importância de um ensino de literatura contextualizado no sentido de ampliar as potencialidades de linguagem dos estudantes dentro das práticas sociais a partir da leitura dos textos literários, uma vez que uma construção literária pode ser o ponto de partida para, num processo contínuo, partindo do “conhecido para o desconhecido” adentrar-se no mundo da leitura que envolve não só a voz do autor, mas principalmente a do leitor.

Compreende-se que os contos podem ser usados como objetos de estudo nos mais variados níveis de ensino tornando-se essenciais no processo de ampliação de letramento dos educandos.

Nessa perspectiva de letramento literário a utilização sistematizada desse gênero literário na sala de aula concorrerá para que os estudantes compreendam a importância dessa forma de linguagem para suas vidas e visualizem as “entrelinhas” de um texto, proporcionadas pelos discursos presentes em uma atividade de leitura que deve ir além da decifração do código.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

BRASIL. MEC - Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Proposta preliminar, segunda versão revista - Brasília: 2016, disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf> Acesso em: 08 set 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106p.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GRIMM, Jakob, 1785 – 1863. **Os Contos de Grimm**. 8ª ed. São Paulo: PAULUS, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Poesia e prosa**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. 2012. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. Disponível em - http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/lingua_portuguesa_ef_em.pdf Acesso em: 31mar 2016.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler** - Porto Alegre: Mediação, 2009, 176 p.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br